

**INTERAÇÕES MEDIADAS PELA TECNOLOGIA EM SALA DE AULA:
O USO DAS REDES SOCIAIS E A EXCLUSÃO DIGITAL**

***INTERACCIONES MEDIADAS POR LA TECNOLOGÍA EN EL AULA:
EL USO DE LAS REDES SOCIALES Y LA EXCLUSIÓN DIGITAL***

***INTERACTIONS MEDIATED BY TECHNOLOGY IN THE CLASSROOM:
THE USE OF SOCIAL NETWORKS AND THE DIGITAL DIVIDE***

Ranice Hoehr Pedrazzi POZZER¹

RESUMO: O Programa Nacional de Acesso ao Ensino Médio e Emprego (Pronatec) do Governo Federal ofereceu, nos últimos anos, formação em cursos técnicos em nível pós-médio para jovens e adultos inseridos no sistema educacional e que estivessem cursando ou concluindo o Ensino Médio, inclusive pelo sistema de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Com isso, algumas turmas dos cursos técnicos apresentaram um variado perfil de alunos, desde adolescentes que estão frequentando as escolas públicas até adultos mais velhos, que estão retornando aos bancos escolares depois de anos de afastamento do sistema de ensino. No presente estudo foram analisadas quatro turmas do Pronatec com alunos com idades entre 15 e 63 anos. Essa diferença, bem como a forma como os alunos mais velhos utilizavam a tecnologia ou não e como o relacionamento entre os estudantes de perfis tão diversos se estabelecia em sala de aula, suscitou questionamentos sobre o modo de relacionamento nas redes sociais, uma vez que essas redes permearam a prática pedagógica durante o curso, a pedido dos alunos, alunos estes que transitam da realidade para o virtual com a naturalidade de quem nasceu inserido neste contexto de interações mediadas pela tecnologia.

PALAVRAS-CHAVE: Interações mediadas. Redes sociais. Educação profissional.

RESUMEN: *El programa nacional de acceso a la escuela secundaria y el empleo (PRONATEC) del gobierno federal ha ofrecido, en los últimos años, capacitación en cursos técnicos a nivel pós-Lezíria para jóvenes y adultos insertados en el sistema educativo y que asisten o terminan la escuela secundaria, incluyendo El sistema de Educación de los jóvenes y adultos (eja). Con esto, algunas clases de cursos técnicos presentaron un perfil variado de alumnos, desde adolescentes que asisten a escuelas públicas hasta adultos mayores, que regresan a bancos escolares después de años de distanciamiento del sistema docente. En este estudio se analizaron cuatro clases de PRONATEC con alumnos de entre 15 y 63 años de edad. Esta diferencia, así como la forma en que los estudiantes de más edad utilizan la tecnología o no y cómo la relación entre los estudiantes de los perfiles tan diversos se establecieron en el aula, planteó preguntas sobre el camino de las relaciones en las redes sociales, ya que estas redes Impregnaron la práctica pedagógica durante el curso, a petición de estudiantes, estudiantes que transitan de la realidad a lo virtual con la naturalidad de aquellos que nacieron insertados en este contexto de interacciones mediadas por la tecnología.*

¹ Antonio Meneghetti Faculdade, RS – Brasil. Professora do Bacharelado em Administração. E-mail: ranice@gmail.com

PALABRAS CLAVE: *Interacciones mediadas. Redes sociales. Educación vocacional.*

ABSTRACT: *The National Program for Access to Secondary Education and Employment (Pronatec), created by the federal government has offered, in recent years, training in technical courses at post-secondary level for young people and adults inserted in the educational system and who were attending or finishing high school, including the Youth and Adult Education system (EJA). Thus, some classes of technical courses presented a varied profile of students from teenagers who attend public schools and even older adults who are returning to school after years of absence from the education system. The present study analyzed four groups of students aged between 15 and 63 years. This age difference, how the oldest students use or not technology and the kind of relationship between the students in the classroom raised questions about their relationship on social networks. This network usage by the students significantly influenced the pedagogical practice during the course, considering that the students asked the teacher to use it as a teaching and learning resource. The students transit from reality to virtual world with the naturalness of people who were born inserted in this context of interactions mediated by technology.*

KEYWORDS: *Mediated interactions. Social networking. Professional education.*

Introdução

A vida contemporânea está se caracterizando pelas interações mediadas pela tecnologia em todos os campos. Empresas abrem espaço para profissionais virtuais, que trocam as relações de trabalho em prédios corporativos por coordenadas espaço-temporais para realização de tarefas. Qualquer horário e qualquer lugar que possua acesso à rede mundial de computadores é local de trabalho. Também as instituições de ensino experimentam a virtualização dos professores e alunos com o ensino à distância. A tecnologia permeia as relações, assumindo um papel determinante na sociedade.

Bauman (2001) caracteriza essa vida contemporânea tomada pela tecnologia como precária, instável, vulnerável. Essa instabilidade, que o autor chama líquida, também é definida por Cazeloto (2007), que afirma que a informatização do cotidiano cria uma instabilidade permanente (embora reconheça que não é a única causa de instabilidade), tornando o mundo mais incerto e temporário, conduzido por um fluxo de informações excessivo, cujo objetivo final é manter o movimento. A lógica é a da aceleração. E nesse contexto se ampliam as ideias de individualização e de privatização, segundo Cazeloto.

Diante disso, entender as relações mediadas pela tecnologia que fazem parte do nosso cotidiano possui um aspecto significativo, principalmente quando essas relações mediadas chegam à sala de aula. Esse é o foco do presente estudo: analisar a forma como se estabelece o relacionamento entre alunos dos cursos técnicos em Administração pelo Pronatec em Santa Maria, Rio Grande do Sul, nas redes sociais, especialmente Facebook, e a percepção que esses alunos têm sobre o relacionamento entre colegas tanto na rede quanto em sala de aula. O estudo foi realizado a partir da análise do conteúdo disposto nas redes sociais pelos estudantes e por uma questão que foi proposta para ser desenvolvida, em sala de aula, em forma de texto escrito. Os materiais foram analisados sob a ótica da análise de conteúdo, de acordo com Bardin (2010).

O objetivo específico do presente estudo é analisar a interação, nas redes sociais, entre alunos dos cursos técnicos. Para alcançar esse objetivo se busca identificar as características das interações, analisar o conteúdo das mensagens trocadas nos grupos de cada turma e verificar os casos de exclusão, tanto digital quanto social, analisando comparativamente o conteúdo das redes sociais com a questão proposta em sala de aula.

Interações mediadas pela tecnologia

Em uma época de interações mediadas pela tecnologia, entender a forma com o virtual substitui o real nas relações sociais assume um aspecto bastante significativo. Para tanto, recorre-se a Levy (1996), que explica o virtual de uma forma que ajuda a compreender o momento atual. Segundo o autor, a palavra virtual é uma derivação de *virtus*, que significa força, potência. No latim medieval, *virtus* passa a *virtuale*. Levy afirma que virtual é o que existe em potência, e cita como exemplo a árvore que está virtualmente presente na semente. Comparando definições de real, atual, possível e virtual, Levy (1996) afirma que o possível é exatamente como o real, embora ainda não exista (o real existe). Já o virtual não é uma oposição ao real, mas uma oposição ao atual. Enquanto, para Levy (1996), a realização é a ocorrência de um estado predefinido, a atualização é uma solução exigida para determinados problemas e difere de virtualização, que é “um movimento inverso da atualização” (LEVY, 1996, p.17).

Definida a virtualização, passa-se às explicações sobre as interações medidas pela tecnologia. Embora comparadas às interações pessoais em diversos estudos, as

interações por meios digitais levam em conta o desempenho de equipamentos. Primo (2007) afirma que interação não pode ser reduzida à transmissão de informações, destacando que o foco nos aparatos tecnológicos reduz a significação do termo interatividade. O autor destaca o que se passa entre os interagentes no relacionamento estabelecido na comunicação mediada por computador e define dois tipos principais de interações: mútua e reativa. Na interação mútua, o “relacionamento entre os participantes vai definindo-se ao mesmo tempo em que acontecem os eventos interativos, nunca isentos dos impactos contextuais e relações de poder”. (PRIMO, 2007, p. 228). Já as interações reativas “são marcadas por predeterminações que condicionam as trocas.” (PRIMO, 2007, p. 228). Essas interações se estabelecem segundo relações estímulo-resposta pelos envolvidos na interação, uma vez que Primo (2007) afirma que o estudo da interação humana precisa considerar os interagentes como seres pensantes e criativos. Enquanto as interações reativas dependem de uma disposição prévia das alternativas, as interações mútuas se constroem na medida em que o relacionamento vai se delineando. Um dos aspectos das interações virtuais é que não há um local físico para o estabelecimento das trocas informacionais, mas apenas determinações espaço-temporais, ou seja, qualquer lugar com acesso à internet é lugar para interações. E nesse contexto, os espaços privados se estabelecem como públicos e os espaços públicos se estabelecem como privados, muitas vezes com alternância de papéis. Esses papéis serão discutidos no próximo tópico.

O público e o privado

Inicialmente, a casa era o espaço privado, lugar de desempenho de uma atividade destinada a assegurar o sustento da família, e o domínio público era o espaço da aparição, da liberdade, conforme assevera Thompson (2010), a partir de Arendt (1958). Para os antigos gregos, o domínio privado se caracterizava pelo trabalho e o domínio público pela ação e pelo discurso. O domínio privado estaria marcado pela força e violência para assegurar a sobrevivência. Já o domínio público era o espaço de ser visto, no qual a visibilidade seria uma forma de garantir existência.

Esses domínios público e privado se alteraram na medida em que a sociedade também se alterava. Arendt (1958) explica que a distinção entre público e privado foi obscurecida pelo surgimento do social, pois, muitas atividades que eram realizadas nos lares passaram a ser realizadas fora de casa, por grupos sociais. Formava-se uma

sociedade de trabalhadores que acabou deixando de lado a prática da ação e do discurso, caracterizando-se pelo conformismo e pela submissão, segundo Arendt (1958).

Thompson (2010) critica o fato de Arendt ignorar a mídia impressa emergente no período do surgimento do social e usa Habermas para traçar o fio de sua análise sobre as mudanças entre o público e o privado. Para Thompson (2010), na idade moderna, o público é a esfera da autoridade pública e o privado continua sendo o espaço da família e do domicílio, embora as atividades produtivas já estivessem deslocadas da esfera privada. O autor conclui que nesse período há uma transformação do domínio privado, com o trabalho assumindo uma relevância pública. Thompson recorre a Habermas para trazer à discussão o aumento de troca de informações possível com a imprensa, definida como esfera pública burguesa, que estava situada entre o espaço privado da família e o espaço público ocupado pelo Estado. De acordo com Thompson (2010),

A esfera pública burguesa incorporava a ideia de que uma comunidade de cidadãos, unidos como iguais, poderiam compor uma opinião pública através da argumentação racional e do debate (THOMPSON, 2010, p.17).

O declínio da esfera pública burguesa se deu, de acordo com Thompson (2010), com a perda dos espaços públicos de discussão e a mudança do perfil da imprensa, que passa a ser direcionada à geração de lucro e ao entretenimento. Thompson (2010) afirma que nesse período a esfera pública se tornou teatralizada.

Thompson afirma, em seu artigo “Fronteiras cambiantes da vida pública e privada”, que tanto Arendt quanto Habermas foram influenciados pela ideia clássica grega sobre o diálogo e o debate, e ainda que Habermas tenha considerado a imprensa em sua análise sobre a esfera pública, a esfera pública da modernidade se assemelhava à esfera pública da Grécia antiga, principalmente pelo fato de ser concentrada em locais específicos (cafés e clubes na modernidade, mercados e assembléias na antiguidade), e restrita a um grupo de pessoas. Para Thompson, as visões de Habermas e Arendt são válidas, mas não contemplam o redesenho da esfera pública, possível com o surgimento de novas mídias.

Para o presente estudo é relevante considerar algumas reflexões de Thompson (2010) sobre privacidade associada ao pensamento político liberal. O privado é visto como um direito, dentro de um contexto em que o indivíduo tem certas liberdades (direitos) como forma de proteção em relação ao uso de poder pelo Estado. O autor afirma que “a maneira mais produtiva de se conceituar privacidade é em termos de

controle” (THOMPSON, 2010, p. 26), sendo a perda de controle sobre algo (espaço, informação, ações) uma perda da privacidade. Thompson (2010) traz ainda reflexões sobre a contextualidade do privado, ou seja, que o privado e a privacidade dependem do contexto onde estão inseridos e que a mudança de contexto pode significar mudança de definição do que é ou não privado. O autor explica a noção de territórios do self (a partir de Goffman, 1972), como sendo espaciais e informacionais ao mesmo tempo, buscando, os indivíduos, controlar e restringir o acesso a esses territórios. Essa definição de territórios do self é importante para a definição do que é privado e do que é público, ainda que seja necessária atenção no que se refere a esses conceitos, pois a ideia de território, no que diz respeito ao conteúdo midiático é, segundo Thompson (2010), informacional ou virtual. Então, se pode inferir que a noção de privado perde significado quando confrontada com as questões de virtualização, pois, conforme assevera Thompson, a esfera privada não pode ser pensada em termos de espaço físico.

O privado agora consiste cada vez mais em um domínio desespacializado de informação e de conteúdo simbólico sobre o qual o indivíduo acredita que deva exercer controle. (THOMPSON, 2010, p. 29)

Thompson (2010) define as fronteiras cambiantes entre público e privado, explicando que a esfera pública é um espaço de fluxos de informações. Para o autor, ser público é estar visível em um espaço de aparição desespacializado, constituído por meios de comunicação não dialógicos e incontrolláveis. Thompson (2010) conclui que conforme a esfera pública se torna desespacializada, a esfera privada se estabelece como uma busca de controle sobre as informações e conteúdos. O autor afirma que os limites entre o público e o privado são imprecisos e estão em frequente mutação. E esses limites estão presentes nas interações mediadas pela tecnologia, o que inclui também as interações entre estudantes dos cursos técnicos e o uso que fazem das redes sociais.

Os estudantes e as interações mediadas pela tecnologia

Para se mapear a forma como os estudantes dos cursos técnicos interagem, foram utilizadas como fontes de evidências os conteúdos dispostos nos grupos do Facebook das turmas do curso Técnico em Administração, bem como a questão que foi proposta em sala de aula para a produção de um texto escrito: como se dá o relacionamento entre os colegas de turma? Os textos na rede social Facebook foram

coletados durante os meses de julho e agosto de 2015, período em que também foi realizada a atividade de escrita proposta aos estudantes.

O material coletado foi analisado sob a ótica da análise de conteúdo, definida como “conjunto de técnicas de análise das comunicações” (BARDIN, 2010, p.33). A análise de conteúdo, no caso dos textos das redes sociais, envolve a manifestação escrita de um tema proposto por membros do grupo, enquanto que, na resposta da questão proposta, o envolvimento da análise é com escrita de um tema específico da presente pesquisa, que é o relacionamento entre os membros do grupo, proposto pela pesquisadora. A análise realizada é a análise temática, com definição de categorias *a posteriori*. O primeiro material analisado é o conteúdo das redes sociais e, a partir das categorias emergentes, procede-se com a análise das redações, buscando justificar, complementar ou refutar algumas das considerações iniciais sobre o tema proposto.

A primeira categoria que emergiu da análise dos textos publicados nos grupos de alunos do Facebook é a categoria questionamentos “Compreende todos os textos”, de caráter interrogativo, publicados por alunos ou professores, conforme demonstram as seguintes citações:

Alguém sabe me dizer se é preciso colocar o plano financeiro no trabalho do professor [...]?
(Questão publicada por aluno do Pronatec)

Só até a parte que foi dada em sala de aula, a parte dos investimentos.
(Resposta de outro aluno)

Alguém sabe me informar se com o feriado de sexta, os alunos irão à aula hoje?
(Questão publicada por um professor)

A segunda categoria foi denominada avisos e engloba todos os textos publicados que envolviam o envio de mensagens de caráter informativo para os componentes do grupo. As seguintes citações demonstram a categoria:

Boa noite pessoal. Amanhã festinha na casa da prof. R\$ 5,00 por pessoa [...].
(Aluno do curso técnico em Administração)

Turma querida. Já comuniquei em aula mas registro aqui que na próxima sexta, deixarei um trabalho para realizarem, porém não teremos aula presencial visto estar viajando atendendo uma demanda da escola. Nesta

quarta, amanhã, darei as informações necessárias sobre o trabalho.

Grata pela compreensão.

(Professor do curso técnico em Administração)

A terceira categoria que emergiu da análise temática dos textos do Facebook é a categoria informações, que reúne os textos com informações de interesse aos alunos participantes do grupo, mas que diferem dos avisos pela ausência de prazos. São informações atemporais, que podem ser utilizadas a qualquer momento e sem necessidade de manifestações em resposta.

Pessoal, postei alguns videos no face geral (o meu) de dicas para apresentações... se possivel olhem... e muita tranquilidade. Fiquem bem!

(texto postado por professor de metodologia antes das defesas de TCC, no final do primeiro semestre)

Pessoal, essa página é alimentada com informações sobre Administração e também informações atuais sobre Leis e mudanças. Confiram!

(Aluno do curso técnico em Administração indicando página da internet para os colegas)

A quarta categoria foi chamada de organização de eventos, pois os alunos utilizaram a rede social para organizar festas, esportes e outras atividades. O papel de articulação das redes sociais se definiu nesta categoria, conforme demonstram as citações:

Vamos marcar um paint ball se tiver pelo site de compras? Falei com o professor hoje e ele disse que aceita fazer a informatica contra a administração de novo. Vamos lá combatentes...

(Texto publicado por aluno para organizar atividade para a turma. As confirmações foram feitas pela própria rede e o resultado da atividade foi publicado dias depois, em um álbum de fotos)

A quinta categoria, denominada suporte, surgiu dos textos que continham oferecimento de ajuda entre os alunos e apoio para os que estavam apresentando algum tipo de dificuldade. Os textos continham informações, muitas vezes, de caráter solidário. Em geral, as ofertas de ajuda eram generalizadas e, poucas vezes,

direcionadas a quem estivesse precisando, independente de haver uma solicitação anterior. O que era, então, publicado na rede social, era uma resposta ao que estava acontecendo no real. Em algumas ocasiões, o apoio emocional era uma resposta a um problema ou situação publicado por um dos membros do grupo. Também entram nessa categoria os textos que acompanham as iniciativas de aumento da visibilidade do sujeito, tais como textos que acompanham fotos de alunos, que são colocadas nas páginas dos grupos como se o espaço fosse pessoal, quando na verdade é criado para ser público. As seguintes citações demonstram a categoria:

O que ainda tem que ser feito para a rádio? Eu preciso ir amanhã de manhã na escola? Vão precisar de ajuda?
(Aluna que já havia concluído suas tarefas se oferecendo para ajudar outros colegas, com o objetivo de concluir um trabalho maior proposto pelo professor)

Chorei tanto que não tenho mais lágrimas. Obrigado pelo apoio galera.
(Aluno postando uma situação de enfrentamento)

Eu estou aqui para o que precisar.
(Uma das respostas à situação anterior)

Começamos juntos e vamos juntos até o fim.
(Outra resposta à situação anterior)

Estivemos juntos até este exato momento do curso com altos e baixos, e não vai ser agora que irão nos separar! Mais que um grupo, mais que uma equipe, somos uma família.
(Outra resposta à situação anterior)

A sexta categoria, denominada envio de materiais, refere-se ao uso das redes sociais para envio de materiais aos alunos pelos professores, ou mesmo o encaminhamento de materiais entre os próprios alunos. Também estão incluídos nessa categoria os textos que indicam a entrega de trabalhos pelos alunos aos professores. Os textos a seguir, acompanhados das indicações do material enviado demonstram a categoria:

Só para o Eduardo não chorar por não ter ido na aula...
Arquivo: Comunicação empresarial.docx
(Texto publicado por um estudante, informando o envio de um arquivo fornecido pelo professor)

Pessoal, segue o arquivo do slide do professor Rafael.
Arquivo: Administração da comunicação Empresarial.ppt

(Texto postado por aluno)

Professor, segue meu trabalho.

Arquivo: plano de negócio.docx

(Texto publicado por aluna e direcionado a um professor)

A última categoria, chamada prosseguimento das aulas, reúne os textos que indicam que a rede social está sendo utilizada como uma forma de continuação das atividades iniciadas em sala de aula, o que caracteriza o momento de envio e respostas como a esfera pública elucidada por Habermas. É um momento de visibilidade e debate, conforme demonstra a citação a seguir:

*<http://www.hypeness.com.br/2013/10/nova-coletanea-de-comerciais-que-fogem-dos-cliches-de-sua-categoria/>
Está aí o que eu tinha comentado em aula hoje. Vale a pena ver!*

(Texto publicado por aluna, com indicação de site, ampliando a discussão sobre tema abordado em sala de aula.)

As categorias iniciais foram agrupadas por semelhança, formando três categorias intermediárias, que foram novamente agrupadas, formando a categoria final, conforme o quadro a seguir:

Quadro 1: Categorias

Categorias iniciais	Categorias intermediárias	Categoria final
Questionamentos	Comunicação	Interações mediadas
Avisos		
Informações		
Organização de eventos	Articulação	
Suporte		
Envio de materiais	Extensão da sala de aula	
Prosseguimento das aulas		

Fonte: Elaboração própria

A categoria comunicação envolve as categorias iniciais questionamentos, avisos e informações. Nessa categoria intermediária, o tipo de interação identificado, de acordo

com a definição de Primo (2007), é a interação reativa, pois existem as predeterminações que condicionam as trocas informativas. As predeterminações seriam as questões propostas ou o envio de informações, que não necessitam de contexto para gerar significado.

Já na categoria articulação, que envolve as categorias iniciais organização de eventos e suporte, a interação é mútua, pois há uma construção de relacionamento a medida em que as trocas informativas acontecem. Há manifestações de opinião e até mesmo demonstrações de poder nessa forma de interação. E o contexto é determinante para a significação.

Por fim, a categoria extensão da sala de aula, que envolve as categorias envio de materiais e prosseguimento das aulas, reflete uma forma de uso das redes sociais na qual o virtual toma uma função que estava no real. As formas de interação se alternam, sendo ora mútuas, ora reativas, dependendo da intenção comunicativa do autor do texto.

As categorias intermediárias foram agrupadas na categoria final interações mediadas, que envolve todas as formas como se estabelecem as interações mediadas pela tecnologia nas redes sociais, especificamente o 'Facebook'.

Definidas as categorias de análise, parte-se para a análise dos textos escritos, com o objetivo de encontrar elementos que justificassem os resultados encontrados na análise dos textos da rede social. Um dos aspectos mais curiosos encontrados nas redações é a ausência de menção à atividade na internet. Os relacionamentos foram analisados apenas no que se refere ao convívio físico, no real, e não no virtual. E em todas as turmas, a convivência foi considerada boa por todos os alunos. Os estudantes não perceberam as redes sociais como uma forma de interação e não perceberam tampouco que havia, pelo menos em uma das turmas analisada, a exclusão digital e social dos alunos das faixas etárias mais altas, que não acessavam as redes sociais. Essa exclusão se refletia na prática em sala de aula, uma vez que os alunos mais velhos muitas vezes estavam desinformados sobre decisões ou atividades propostas pelos outros alunos.

Considerações finais

A análise dos textos do 'Facebook' demonstrou que os grupos criados na rede social são utilizados para troca de informações variadas, que extrapolam o que concerne à sala de aula. Dúvidas são manifestadas na rede social, perguntas são feitas aos colegas

e, embora os professores participem da rede, sua atuação limita-se ao envio de materiais. Poucos são os professores que interagem com os alunos quando o tema proposto no grupo foge ao escopo das aulas. Um dos aspectos significativos é ausência dos alunos mais velhos no grupo de uma das turmas analisadas. Havia dois alunos com mais de cinquenta anos na turma, ambos fizeram as disciplinas de informática, obtendo bom aproveitamento nos estudos, ambos dispunham de meios de acesso à internet e computadores (a própria escola disponibiliza os equipamentos), mas não manifestaram interesse em participar das redes sociais, mesmo sabendo que os alunos se comunicavam pelas redes. Já na segunda turma analisada, todos os alunos estavam inseridos no grupo do Facebook, mas apenas uma pequena parte da turma participava ativamente da rede social. Eram sempre os mesmos alunos que postavam textos, informavam sobre datas de trabalhos e conteúdos de prova e comentavam as postagens. Os alunos de faixas etárias mais altas se limitavam a acompanhar as publicações e curtir algumas. Nessa segunda turma, as participações dos professores também eram limitadas à postagem de material adicional às aulas.

A terceira turma analisada não possui um grupo na rede social, mas todos os alunos acompanham as publicações uns dos outros. Os alunos mais velhos (com idades de 42, 48 e 53 anos) participam dos comentários aos temas propostos e mantêm contato com os professores, inclusive solicitando materiais, enviando materiais e indicando páginas a serem seguidas.

Outro aspecto relevante é que todas as turmas usam as redes sociais como meio para envio de materiais, especificamente, trabalhos. Os alunos solicitam aos professores que entrem no Facebook quando esses não participam e acertam a rede social como meio de comunicação oficial da turma. Alunos que não possuem contas nas redes sociais ficam excluídos de discussões e decisões e, muitas vezes, acabam desinformados, uma condição que os distancia do grupo.

Quanto à questão do público e do privado e os tênues limites que separam um conceito do outro na era da convergência digital, não existem mecanismos de controle por parte dos alunos sobre o que é postado. Fotos pessoais são compartilhadas com o grupo e comentadas de maneira informal. Gírias e maneirismos aparecem com frequência, bem como linguagem adaptada à internet, com palavras cortadas e pequenas imagens para conferir significação. E aqui também entra a questão da visibilidade. Estar no Facebook é estar visível, e os grupos de alunos são uma forma de aumentar a visibilidade. Fotos são publicadas pelos estudantes como se o grupo fosse uma conta

pessoal e outros colegas interagem fazendo comentários dessas imagens. O público e o privado se alternam no uso das redes pelos estudantes.

Um aspecto relevante e que precisa ser considerado é o uso das redes sociais como recurso de ensino aprendizagem. O que era para ser um canal de comunicação entre estudantes e professores tornou-se um meio de ampliar discussões e estimular a busca por recursos adicionais para o entendimento dos conteúdos propostos em sala de aula. Por ser uma rede social, e estar sendo constantemente alimentada de imagens e informações pessoais dos estudantes, os momentos de estudo dos materiais enviados não eram vistos pelos estudantes como estudo. E, muitas vezes, as discussões que começavam em sala de aula e eram estendidas às redes sociais eram retomadas na aula seguinte, servindo a rede social com ponte entre as aulas.

Por fim, é importante salientar que o presente estudo é um estudo qualitativo e seus resultados não podem ser generalizados a outras realidades, sendo específicos do contexto no qual foram analisados. Ainda assim, o uso das redes sociais como recurso de ensino aprendizagem pode ser considerado em realidades diversas.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. Edições 70: Lisboa, Portugal. 2010.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001.
- CAZELOTO, Edilson. A velocidade necessária. In: FERRARI, Pollyana. (Org). **Hipertexto hipermídia: as novas ferramentas da comunicação digital**. São Paulo: Contexto, 2007.
- DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna. Introdução. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In DENZIN, Norman K. & LINCOLN, Yvonna S. (Org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2ª ed. Porto Alegre, Artmed, 2006, p. 15-41.
- LEVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Ed. 34, 1996. (7ª reimpressão: 2005)
- MATTAR, João. **Metodologia científica na era da informática**. 3.ed. São Paulo: Saraiva, 2008.
- PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição**. Coleção Cibercultura. Ed. Sulina. Porto Alegre, RS. 2007.
- THOMPSON, John. Fronteiras cambiantes da vida pública e privada. **Matrizes**. Ano 4. n.1. jul/dez 2010. São Paulo, SP. p. 11-36.

Como referenciar este artigo

POZZER, Ranice Hoehr Pedrazzi. Interações mediadas pela tecnologia em sala de aula: o uso das redes sociais e a exclusão digital. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v.21, n. esp. 1, p. 741-754, out./2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.22633/rpge.v21.n.esp1.out.2017.10451>>. ISSN: 1519-9029.

Submetido em: 15/04/2017

Aprovado em: 30/08/2017